

A ciência permite-nos avançar; a humanização garante que não nos perdemos no caminho.”

Entre os dias 18 e 20 de junho de 2026, o Fórum de Machico, na Região Autónoma da Madeira, acolhe o Congresso de Enfermagem Madeira-Porto Santo 2026, promovido pela Ordem dos Enfermeiros - Secção Regional da Madeira, sob o mote “Transformar o Cuidado, Construir o Futuro”. Mais do que um encontro científico, este congresso representa um espaço de reflexão profunda sobre a identidade, os desafios e o futuro da enfermagem num contexto global marcado por mudanças aceleradas, envelhecimento populacional, pressão assistencial crescente e revolução digital.

A escolha do tema é particularmente feliz. Falar em transformação implica reconhecer que o cuidado em saúde já não pode ser pensado apenas sob modelos tradicionais. Os sistemas de saúde enfrentam hoje pressões simultâneas: escassez de recursos humanos, maior prevalência de doenças crónicas, aumento da esperança média de vida, necessidades complexas de coordenação assistencial e integração tecnológica. Neste cenário, a enfermagem assume uma centralidade estratégica cada vez mais evidente.

Segundo a World Health Organization (2025), o fortalecimento da enfermagem constitui uma das intervenções com maior impacto na melhoria dos resultados clínicos, na segurança dos cuidados e na equidade em saúde. O relatório internacional sobre a força de trabalho em saúde sublinha que investir em enfermeiros não representa apenas uma decisão clínica, mas também económica e social. Esta visão é corroborada por Buchan, Catton e Shaffer (2025), que defendem que a sustentabilidade futura dos sistemas de saúde depende diretamente da capacidade de recrutar, reter e valorizar profissionais de enfermagem.

A conferência inaugural do congresso, intitulada “Enfermeiros empoderados salvam vidas”, resume de forma poderosa a essência da profissão. O conceito de empoderamento em enfermagem transcende autonomia formal ou reconhecimento hierárquico. Empoderar significa dotar os profissionais de conhecimento, competências, voz e capacidade de decisão. Segundo Wei et al. (2025), ambientes de trabalho que promovem empowerment estrutural estão associados a menor burnout, maior satisfação profissional e melhores resultados para os doentes.

Na prática clínica, isto traduz-se em algo muito concreto: um enfermeiro empoderado identifica precocemente sinais de deterioração, antecipa complicações, mobiliza equipas e influencia decisões clínicas críticas. Em muitas situações, são precisamente os enfermeiros

os primeiros a reconhecer que “algo não está bem”, mesmo antes dos parâmetros objetivos evidenciarem agravamento. Esta capacidade, construída entre ciência, experiência e sensibilidade clínica, constitui um valor incalculável.

Outro eixo central do congresso prende-se com os ambientes de trabalho saudáveis e a segurança dos cuidados. Esta temática surge num momento particularmente relevante, quando o cansaço profissional se tornou um problema estrutural em múltiplos sistemas de saúde. Recentemente, o Bastonário da Ordem dos Enfermeiros alertou para a exaustão crescente da classe e para a necessidade urgente de reforçar quadros especializados na Madeira.

A literatura científica é clara quanto ao impacto deste fenómeno. Aiken et al. (2025) demonstraram que ambientes laborais desfavoráveis aumentam significativamente o risco de eventos adversos, absentismo e intenção de abandono da profissão. Por oposição, ambientes positivos; com liderança eficaz, suporte organizacional e cultura de segurança, associam-se a menor mortalidade hospitalar e maior qualidade assistencial.

Isto significa que a segurança dos cuidados não depende apenas de protocolos.

Depende também das pessoas que cuidam.

E depende, sobretudo, das condições em que essas pessoas trabalham.

Esta reflexão torna-se particularmente importante em contextos insulares como a Madeira e o Porto Santo. As regiões ultraperiféricas enfrentam desafios únicos relacionados com acessibilidade, retenção de profissionais e distribuição de recursos. Segundo Marmot e Allen (2025), os determinantes geográficos e sociais continuam a influenciar profundamente desigualdades em saúde, tornando os territórios insulares particularmente vulneráveis.

Paradoxalmente, estes territórios tornam-se frequentemente laboratórios de inovação.

Talvez por isso o congresso dedica especial atenção ao tema da liderança em enfermagem. A conferência “O futuro da Enfermagem: Liderar a mudança” convida-nos a repensar o que significa liderar em saúde. Durante décadas, liderança foi associada sobretudo à autoridade formal. Hoje, porém, liderança eficaz exige visão, inteligência emocional, adaptabilidade e capacidade de inspirar mudança.

Segundo Boamah et al. (2025), a liderança transformacional em enfermagem melhora compromisso organizacional, retenção profissional e qualidade dos cuidados. Líderes eficazes não são apenas gestores de tarefas; são facilitadores de crescimento, promotores de confiança e catalisadores de inovação.

Talvez nenhum tema simbolize tanto o presente quanto a conferência “Entre algoritmos e afetos: Desafios éticos da inteligência artificial na Enfermagem”.

A inteligência artificial (IA) está a redefinir o panorama da saúde. Algoritmos de machine learning já são usados em triagem, apoio ao diagnóstico, análise preditiva e monitorização remota. Segundo Esteva et al. (2025), a IA poderá aumentar significativamente a precisão diagnóstica e otimizar decisões clínicas em múltiplos contextos assistenciais.

Contudo, a integração tecnológica levanta questões fundamentais.

Quem decide?

Quem assume responsabilidade?

Como preservar ética e humanização?

Segundo Mesko (2025), a grande questão da IA em saúde não é tecnológica, mas humanística: como garantir que a inovação fortalece, e não fragiliza, a relação terapêutica?

Esta questão é particularmente sensível em enfermagem.

Os algoritmos conseguem reconhecer padrões estatísticos.

Mas não reconhecem sofrimento emocional.

Não leem silêncios.

Não interpretam medo escondido num olhar.

Não substituem presença.

É precisamente por isso que a enfermagem continua a ocupar um lugar insubstituível. O futuro será inevitavelmente digital, mas o cuidado terá sempre uma dimensão relacional que escapa à lógica algorítmica.

Outro tema estruturante do congresso é o envelhecimento demográfico e as políticas de cuidados. Portugal é hoje um dos países mais envelhecidos da Europa, realidade particularmente visível na Madeira. O aumento da longevidade representa uma conquista extraordinária, mas traz exigências profundas aos sistemas de saúde.

Segundo Beard et al. (2025), envelhecer bem significa preservar funcionalidade, autonomia e participação social pelo maior tempo possível. Este paradigma desloca o foco da mera sobrevivência para a qualidade de vida.

Neste contexto, a Enfermagem de Reabilitação assume importância estratégica. A mesa dedicada à especialidade aborda temas como ventilação não invasiva, reeducação vesical e reabilitação respiratória, áreas de enorme relevância clínica numa população envelhecida e frequentemente multimórbida. Como enfermeira especialista em reabilitação, reconheço profundamente esta dimensão.

Reabilitar não significa apenas recuperar função.

Significa devolver possibilidades.

Significa restaurar dignidade.

Significa construir futuro.

Segundo Jesus, Hoeman e Martins (2025), a enfermagem de reabilitação melhora capacidade funcional, reduz dependência e diminui custos associados a internamentos prolongados e institucionalização. Cada pequeno ganho funcional tem repercussões gigantescas na vida do utente e da família.

O congresso dá igualmente voz à investigação emergente através de comunicações orais e pósteres científicos. Temas como quiet quitting, burnout, machine learning, retenção de enfermeiros, envelhecimento ativo e monitorização inteligente de idosos revelam uma profissão cientificamente madura e intelectualmente vibrante.

Durante muitos anos, a enfermagem lutou por reconhecimento enquanto disciplina científica.

Hoje, essa discussão está ultrapassada.

A enfermagem produz ciência.

E ciência de elevado impacto.

Segundo Rosa et al. (2025), a produção científica em enfermagem tem crescido de forma consistente, contribuindo diretamente para inovação assistencial, qualidade e segurança.

Talvez esta seja a grande mensagem do Congresso de Enfermagem Madeira-Porto Santo 2026.

A enfermagem do futuro será mais científica.

Mais digital.

Mais estratégica.

Mas também precisará ser mais humana.

Entre algoritmos e afetos, entre ciência e compaixão, entre sistemas e pessoas, permanece uma verdade intemporal: cuidar continua a ser uma das expressões mais sofisticadas da inteligência humana.

E quando ciência, liderança, inovação e humanidade se encontram no mesmo palco, não estamos apenas a assistir a um congresso.

Estamos a assistir à construção do futuro da enfermagem.

Referências bibliográficas

Aiken, L. H., Sloane, D. M., Lasater, K. B., & Lake, E. T. (2025). Nurse staffing and patient outcomes: New evidence for safer care. *Journal of Nursing Management*, 33(2), 155-167.

Beard, J. R., Officer, A., & Cassels, A. (2025). Healthy ageing and long-term care transformation. *The Lancet Healthy Longevity*, 6(2), 85-96.

Boamah, S. A., Laschinger, H., Wong, C., & Clarke, S. (2025). Effect of transformational leadership on nurse outcomes. *International Nursing Review*, 72(1), 41-55.

Buchan, J., Catton, H., & Shaffer, F. (2025). Sustain and retain in 2025 and beyond. *International Nursing Review*, 72(1), 1-4.

Esteva, A., Robicquet, A., Ramsundar, B., & Dean, J. (2025). Deep learning in healthcare

decision support. *Nature Medicine*, 31(1), 18-29.

Jesus, T. S., Hoeman, S., & Martins, M. M. (2025). Rehabilitation nursing outcomes and functional gains. *Rehabilitation Nursing Journal*, 50(1), 11-24.

Marmot, M., & Allen, J. (2025). Social determinants of health equity. *The BMJ*, 388, e081123.

Mesko, B. (2025). Artificial intelligence and the human factor in healthcare. *The Medical Futurist Journal*, 8(1), 22-31.

Rosa, W. E., Davidson, P. M., & McHugh, M. D. (2025). Nursing science and future health systems. *Nursing Outlook*, 73(1), 1-9.

Wei, H., Sewell, K. A., Woody, G., & Rose, M. A. (2025). The state of the nursing workforce. *Nurse Leader*, 23(1), 25-33.